

O TEMPO E A MEMÓRIA NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Luciana Bessa Silvaⁱ

RESUMO

Esse trabalho é fruto da disciplina “Seminário de Literatura Comparada II: o Cancioneiro de Petrarca: uma leitura filosófica”, ministrada pelo professor Dr. Yuri Brunello. Dentre as temáticas estudadas, o tempo/a memória despertou-nos o interesse. A relação entre poesia e memória corporificada em **O Cancioneiro**, de Petrarca (1304-1374) remeteu-nos a poética de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), uma vez que sua obra oferece ao leitor inúmeras possibilidades de leitura/de temas e uma das mais recorrentes é essa. Muitos poemas do poeta *gauche* foram escritos a partir de sua experiência pessoal. Interessante notar que em muitos momentos a memória do poeta cruza-se com a história do Brasil quando, por exemplo, o poeta relata as riquezas dos latifundiários mineiros, com suas fazendas de café e gado, ou a exploração dos metais de Minas, como se observa em seu poema “Confidência do Itabirano”. Propomo-nos a refletir sobre a questão do tempo e da memória na poética do autor **Boitempo** (1968) – reunião de seus poemas memórias. Trata-se de um trabalho bibliográfico baseado em autores, como Alfredo Bosi (1977), Santo Agostinho (1984), Silvina Lopes (2003), José Guilherme Merquior (1975) e Affonso Romano de Sant’Anna (1980). O tempo presente foi a matéria para que o Drummond alicerçasse sua poética. Quanto à memória, foi um modo de arquivar os acontecimentos pessoais e históricos observados e vividos.

Palavras-chave: Poesia, Tempo, Memória.

EL TIEMPO Y LA MEMORIA EN LA POESÍA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Este trabajo es fruto de la disciplina "Seminario de Literatura Comparada II: el Cancionero de Petrarca: una lectura filosófica", impartida por el profesor Dr. Yuri Brunello. Entre las temáticas estudiadas, el tiempo / la memoria nos despertó el interés. La relación entre poesía y memoria corporativa en El Cancionero, de Petrarca (1304-1374) nos remitió la poética de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), una vez que su obra ofrece al lector innumerables posibilidades de lectura / de temas y una de las más recurrentes es. Muchos poemas del poeta *gauche* se escribieron a partir de su experiencia personal. Es interesante notar que en muchos momentos la memoria del poeta se cruza con la historia de Brasil cuando, por ejemplo, el poeta relata las riquezas de los terratenientes mineros, con sus haciendas de café y ganado, o la explotación de los metales de Minas, como si observa en su poema "Confidencia del Itabirano". Nos proponemos reflexionar sobre la cuestión del tiempo y de la memoria en la poética del autor **Boitempo** (1968)- reunión de sus poemas memorias. Se trata de un trabajo bibliográfico basado en autores, como Alfredo Bosi (1977), Santo Agostinho (1984), Silvina Lopes (2003), José Guilherme Merquior (1975) y Affonso Romano de Sant'Anna (1980). El tiempo presente fue la materia para que el Drummond fundara su poética. En cuanto a la memoria, fue un modo de archivar los acontecimientos personales e históricos observados y vividos.

Palabras-clave: Poesía, Tiempo, Memoria.

ⁱ Aluna de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC (bessaluciana@hotmail.com)

1 – Introdução

“Ai tempo! / Nem é bom pensar nessas coisas mortas, muito mortas. /Os séculos cheiram a mofo/ e a história é cheia de teias de aranha”. (ANDRADE, 2002, p.10-13)

- Você deve calar urgentemente as lembranças bobocas de menino.
 - Impossível. Eu canto o meu presente.
- Com volúpia voltei a ser menino. (ANDRADE, 2002, p. 882)

No ensaio “Poesia, memória excessiva” Lopes (2003) discute, a partir de um poema de Joaquim Manuel Magalhães a relação entre poesia e memória. A autora firma, a partir desse texto que a verdade do poema não é o que ele relata, mas o que ele é “uma emoção da realidade como sobrevivência da realidade, ou, noutros termos, do presente como recordação do presente” (LOPES, 2003, p. 48). O que o poema diz não é o que aconteceu de fato, mas a possibilidade do acontecimento, a emoção que reside nessa construção do recordável, ou seja, do momento que se forma a recordação, em outras palavras é um vazio preenchido pela memória. O acontecimento está indissocialmente ligado à memória, enquanto a memória é indissociável da “concretização de uma forma na “potência ritmizante”, que é o verso” (LOPES, 2003, p.49).

A relação poesia e memória lembra-me da obra do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), pois ela oferece ao leitor inúmeras possibilidades de leitura, dentre elas está o amor seja à terra natal ou à mulher amada, o pessimismo, o enigma, a infância, o tempo e a memória.

A criação poética é fruto da memória, uma vez que ela “aparece como faculdade de base” (BOSI, 1977, p. 204). No texto literário, a memória tem o papel de (re)elaborar o que foi vivido ou simplesmente imaginado pelo poeta de modo que ela possa se realizar no poema.

Nas **Confissões**, de Santo Agostinho (1984) o tempo e a memória assumem um papel primordial para o entendimento da interioridade humana. A memória é, para o bispo de Hipona, essencial para a compreensão de nossa relação com o tempo.

O tempo e a memória sempre estiverem presentes na poética drummondiana. Mas na década de 60, já maduro, organizou para a editora Nova Aguilar três volumes sob o título **Boitempo** (1968), onde foi reunido um conjunto de poemas-memórias e nos deixado como herança. O primeiro volume, **Boitempo I – (In) Memória**, foi publicado em 1968, seguido por **Boitempo II – Menino antigo** (1973) e por **Boitempo III – Esquecer para lembrar** (1979). De acordo com Merquior estas lembranças permitem levantar “uma verdadeira sociologia da *parochial life* de Minas na *Belle Époque*. A economia, as relações sociais, os usos e os costumes acodem insistentemente à memória; constituem o fundo ou mesmo o tema da maior parte dos textos”

(MERQUIOR, 1975, p. 219).

Diante dessa realidade, esse texto propõe-se a refletir sobre a questão do tempo e da memória na obra do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade. Trata-se de um trabalho bibliográfico apoiado nas obras de Agostinho (1984), Sant'Anna (1980), Bosi (1977), Lopes (2003), dentre outros.

Em suma, encontramos na poesia drummondiana uma série de situações que se referem as lembranças vividas pelo poeta ao longo de sua vida e registradas em sua vasta obra (**Alguma Poesia**, 1930; **Farewell**, 1996). E nessa poesia-memória há referências constantes à família, à cidade natal, à mulher amada, e, em muitas ocasiões se confunde com a memória do Brasil.

2 – O poder do tempo e da memória

A obra de um artista é produto de seu olhar, de seu talento, de sua ideologia, nesse caso, de suas memórias. Drummond, em muitos de seus textos, trabalha com a reversibilidade do tempo, trazendo para o presente, eventos do passado, atividade somente possível através da memória, “única faculdade do tempo capaz de subjugar a irreversibilidade do tempo” (EL FAHL, 2012, p. 18). Na concepção de Lopes (2003), a recordação não vem de caso pessoal, mas da facilidade com que o poeta é tocado por “objetos ausentes”, fermentando “em si paixões que estão, na verdade, longe de serem as mesmas que os acontecimentos reais produzem” (LOPES, 2003, p.50). Ao longo da obra drummondiana o leitor percebe que são inúmeros os objetos que tocam o poeta, dentre eles sua infância, seu pai e sua terra natal.

Mas, a final o que é tempo? Para Agostinho, “a duração do tempo só será longa porque composta de muitos movimentos passageiros que não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (AGOSTINHO, 1984, p. 336). O tempo seria passageiro, a eternidade duradoura?

Segundo o filósofo é fácil compreender o tempo quando dele falamos e o que dele nos dizem. No entanto, “Se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta eu não sei” (AGOSTINHO, 1984, p.338). O que ele pode-nos dizer é que não haveria um tempo passado, se nada passasse; não haveria o futuro, se nada estivesse por vir; da mesma forma que não existiria um tempo presente se nele nada existisse (AGOSTINHO, 1984).

A corporificação da poética drummondiana se materializa no presente:

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

(...)

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente. (ANDRADE, 2002, p. 80)

É no presente que o poeta (re)afirma o seu tempo e se solidariza com outro. No entanto, as lembranças do poeta retornam ao cenário de sua poesia ora despertado por objetos concretos, ora por presenças diáfanas. É comum surgirem imagens da infância (“Eu sozinho menino entre mangueiras/ lia a história de Robinson Crusó”... ANDRADE, 2002, p.6), de lugares (“Casas entre bananeiras/mulheres entre laranjeiras/pomar amor cantar” ANDRADE, 2002, p.23), do fazer poético (“Gastei uma hora pensando um verso/ que a pena não quer escrever”. ANDRADE, 2002, p. 23), do pai (“Ó velho, que festa grande/hoje te faria a gente”. ANDRADE, 2002, p. 292-300).
 Todavia,

O poeta sabe que a tentativa, frequente e intensa, de recapturar o próprio passado, a família, a nação ou a espécie humana, após tê-lo longamente discutido, pode parecer agora uma tentativa de recuperar a si mesmo, através da descoberta deste sentido de continuidade no ato de pertencer a algo que parece perdido para se sempre. (SANT’ANNA, 1980, p. 70-71)

Recordar é a forma que o poeta encontrou de encontra-se consigo mesmo.

Seria possível medir o tempo? O passado, por exemplo, já não mais existe. O tempo futuro, também não. O presente, que já passou, deixou de ser presente. “Quem se atreveria a dizer-me que há três tempos – conforme aprendemos na infância e ensinamos às crianças, isto é, o passado, o presente e o futuro -, mas somente o presente, porque os outros dois não existem?” (AGOSTINHO, 1984, p.338). Não se pode mensurar o tempo, mas vivenciá-lo.

O tempo pressupõe memória – Lethe e Mnemósine. O primeiro era o espírito do esquecimento. A segunda, mãe das musas, era a personificação da memória para os gregos. Ambas estão associadas a rios antagônicos. As águas de Mnemósine outorgavam uma memória total, enquanto as Lethe (cujas águas passavam pela caverna de Hypnos, personificação do sonho) produzia o esquecimento absoluto. Por isso deveria ser evitada e os mortos deviam beber de suas águas para esquecer sua vida passada, requisito para a reencarnação. Plínio considerava uma bênção a possibilidade de ter uma memória extraordinária, e escreve: “A memória, um bem absolutamente indispensável para a vida, é difícil dizer quem a teve mais sobressalente, sendo tantos que alcançaram glória através dela” (apud QUIROGA, 2011, p.22). Sem a memória o homem é um livro em branco.

A ideia comum que temos de memória é a faculdade de conservar os fatos do passado. Seria, então, a memória a evocação do tempo passado. É nela onde se encontram “os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidos pela percepção” (AGOSTINHO, 1984, p. 274). E acrescenta:

Aí é também depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma, de modos diversos, o que os sentidos atingiram, e também tudo o que foi guardado e ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento. Quando aí me encontro,

posso convocar as imagens que quero(...) Encontram-se aí, à minha disposição, céu, terra e mar, com aquilo tudo que neles colher com os sentidos, excetuando-se apenas o que esqueci. É aí que me encontro comigo mesmo, e recordo as ações que realizei, quando, onde e sob que sentimentos as pratiquei. Aí estão também todos os conhecimentos que recordo, seja por experiência própria ou pelo testemunho alheio. (AGOSTINHO, 1984, p. 274-275)

Em outras palavras, a memória pode ser pensada como uma busca seja ela interior, seja de autoconhecimento.

É bom destacar que a memória nos remete a fenômeno individual caracterizado pela experiência interior e subjetiva do sujeito. Muitos poemas de Carlos Drummond de Andrade foram escritos a partir de sua experiência pessoal. O poeta convida-nos, através de sua poesia memorialística, a visitar sua “Infância” (ANDRADE, 2002, p. 6), a viajar com sua família “Viagem na Família” (ANDRADE, 2002, p. 110-112), a refletir sobre “Nosso Tempo” (ANDRADE, 2002, p.125-130), a compreender a “Passagem do Ano” (ANDRADE, 2002, p. 131), a retornar à sua terra natal, “Onde tudo é belo”, em “Nova Canção do Exílio” (ANDRADE, 2002, p. 145-146), a aceitar que “As lições da infância / desaparecem na idade madura”, em “Idade Madura” (ANDRADE, 2002, p. 190-192), e que “Nosso amor se mutila / a cada instante” (“A um varão que acaba de nascer, ANDRADE, p. 270-273), a compreender a relação pai-filho, no poema “A Mesa” (ANDRADE, 2002, p. 292-300), como também nos oferece seu álbum de família em “Os mortos de sobrecasaca” (ANDRADE, 2002, p. 73):

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,
alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,
em que todos se debruçavam
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca...

O eu-lírico vivia o tempo presente atormentado pelo passado. Dele não há como se desfazer, mesmo que as fotos sejam ruídas pelas traças, ou se acabem na poeira. As lembranças, sejam elas boas ou não, permanecem arquivadas em nossa memória.

Em 1968, um Drummond mais maduro, organiza suas memórias em forma de versos e dá-lhes o nome de **Boitempo** (1968), que se encontra dividida em nove partes, com os seguintes títulos: “Pretérito-mais-que-perfeito”; “Fazenda dos 12 Vinténs, ou do pontal, e terras em redor ou do Pontal, e terras em redor”; “Morar nesta casa”; “Notícias de clã”; “O menino e os grandes”; “Repertório urbano”; “Primeiro colégio”; “Fria Friburgo” e “Mocidade solta”.

Os títulos dos poemas já nos dão uma ideia dos Andrades. Em “Notícias de clã”, por exemplo, temos as “Notícias de clã” (ANDRADE, 2002, p. 944), com que tinta é feito o “Brasão” (ANDRADE, 2002, p. 944), o que diferencia os Andrades dos demais “Aquele Andrade”

(ANDRADE, 2002, p. 947), que cada irmão é diferente “Irmão, irmãos” (ANDRADE, 2002, p. 951-952). Por isso mesmo, o poeta nunca esteve preparado para perder o irmão “que há pouco brincava no quarto” “O preparado” (ANDRADE, 2002, p. 946), que dos muitos anjos que o acompanharam um deles atende pelo nome de Sá Maria, no poema “Anjo Guerreiro” (ANDRADE, 2002, p. 956-957), que em família grande é preciso contar “Os tios e os primos” (ANDRADE, 2002, p. 960-961), às vezes acontece “Romance de primos e primas” (ANDRADE, 2002, p. 967-969) etc.

Interessante destacar que as memórias mais íntimas do poeta Drummond, muitas vezes, cruzam-se com a própria História do Brasil, já que sua família representa uma metonímia de capítulos dessa história, ou seja, a história dos latifúndios mineiros com fazendas de café e gado ou exploração de metais das Minas Gerais. Dessa imponência do passado restam apenas lembranças vivas em sua memória e o poeta declara “Tive ouro, tive gado, tive fazendas/Hoje sou funcionário público” (ANDRADE, 2002, p. 68).

No poema “15 de Novembro” (ANDRADE, 2002, p. 897-898), o poeta retrata a chegada da Proclamação da República à Itabira, sua cidade natal. Alguns personagens itabiranos ilustres são citados, além do comportamento da cidadezinha ao receber a notícia:

A proclamação da República chegou às 10 horas
[da noite
em telegrama lacônico.
Liberais e conservadores não queriam acreditar.
Artur Itabirano saiu para a rua soltando foguete.
Dr. Serapião e poucos mais o acompanhavam
de lenço incendiário no pescoço...

Em outro momento, 1910, é registrado a passagem do Cometa Halley pela Terra.

“As antecipações eram as piores possíveis, provocando pânico, pois pensava-se que ao passar com sua cauda pela Terra, o planeta iria explodir” (CANÇADO, 1993, p. 34). O registro foi tanto na poesia “Ah sim, restou Halley/ iluminando de ponta a ponta o céu de 1910” (ANDRADE, 2002, p. 687-688), como na prosa “(...) não haveria mais aula de aritmética nem missa de domingo nem obediência aos mais velhos (...)”. Em contrapartida, “não haveria mais geleia, Tico-Tico (...)”. (ANDRADE, 2012, p.62). Haveria o nada.

Outro fato marcante foi a I Guerra Mundial, no poema “1914” (ANDRADE, 2002, p. 1006-1010)

Desta guerra mundial
não se ouve um explosão
sequer nem mesmo o grito
do soldado partido

em dois no campo raso...

Esse horror não foi sentido aqui no Brasil. O cotidiano da população não foi afetada pelos fatos que marcaram a Europa e chocaram o mundo. O “morrer pela pátria” não foi sentida pelo povo brasileiro, pelo menos não nesse momento.

Nessa perspectiva de escrever para lembrar, o poeta reconstitui ao lado de sua memória pessoal, elementos da memória brasileira recontados não por documentos oficiais, mas através de arquivos afetivos acessados pela reminiscência do poeta. Sobre o fato do poeta trazer à tona fatos/lugares já vividos, Affonso Romano de Sant’Anna comenta: “Sendo poesia uma construção sobre ruínas, é aquilo que se salva no tempo e se estabelece como memória do próprio tempo. Poesia é o que resiste à destruição”. (SANT’ANNA, 1992, p.190). Drummond concebia a poesia como aquilo que perdura depois do fluxo da vida. Ainda sobre essa questão do tempo, Fábio Lucas comenta que em Drummond há várias dimensões de tempo:

A primeira o faz depósito, no qual o poeta, escafandro, mergulha voluntariamente em busca da reconstrução de si mesmo. Chamemos a tal subsolo infratempo. Lugar onde adormecem as sensações, vertente do sentimento do mundo, convívio com o exterior moldável ou adverso. O poeta, aí, manipula a própria biografia: reminiscências, evocações, o mundo infantil, a família, a terra natal, Minas gerais - conjunto e argamassa de seu ser-no-mundo. (LUCAS, 1978, p. 241)

É através dessa “manipulação” que o poeta se desvenda e se mostra.

Na obra **Claro Enigma** (1951), destacamos o poema “Memória”, que parece delinear a relação do poeta com o tempo passado e sua permanência pulsante no tempo presente.

Amar perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão. (ANDRADE, 2002, p. 252-253)

O poema é constituído por rimas regulares e estrofes equilibradas, revelando a reverência que o poeta tem pela memória, já que a trata pelo princípio da beleza estética, princípio da analogia.

São quatro estrofes, cada uma com 15 sílabas métricas, numa cadência 5-5-5 cujo ritmo implacável é reforçado pelo “ao” com que se encerram (coração, Não, mão, ficarão).

À princípio trata-se de um tema simples: a perda da pessoa amada, um dos grandes lugares comuns da poesia lírica. Contudo, acredito que o poeta imaginou algo mais sutil: o amor que brota após a perda, como ocorre com a amante do poema “Caso do Vestido” (ANDRADE, 2002, p. 160-165), da obra **A Rosa do Povo** (1945) que confessa à esposa cujo marido roubou “Eu não tinha amor por ele/ depois o amor pegou”. Ou então a fórmula que ele estabelece no poema “Perguntas” (ANDRADE, 2002, p. 288-290) (também de **Claro Enigma**) em que o poeta vê um ‘fantasma’ no espelho trazendo-lhe recordações da infância e dizendo-lhe, ao se despedir: “amar, depois de perder”.

Voltemos ao poema “Memória”. Amar perdido confunde o coração do poeta porque insinua a possibilidade que, na verdade, só amamos o que não temos. Nosso objeto preferencial de amor é o sonho, a utopia, o inalcançável. O verdadeiro desejo nunca é satisfeito, porque no fundo o que desejamos é um arquétipo platônico que funde em si todas as possibilidades daquele ser – e o que obtemos na vida real é o objeto real com suas qualidades e defeitos. Amamos o que conquistamos. Amamos mais ainda aquilo que não conquistamos.

Na segunda estrofe “Nada pode o olvido/contra o sem sentido/apelo do Não”. O poema trata da perda amorosa, contudo a simplicidade em Drummond é enganosa, já que poesia, em sua concepção, é coisa “séria” e o poeta é, na verdade, um lutador:

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
(...)
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
 (“O Lutador”, ANDRADE, 2002, p. 99-101).

Deixemos claro que o ‘olvido’ a que o poeta se refere é o ‘esquecimento’. Este nada pode contra o apelo absurdo, apelo sem significado do Não. O poeta parece estar dizendo que o Não (a negação, a ausência) tem um apelo sem sentido (muitas vezes uma mãe diz ‘não’ a um filho e para este aquele ‘não’, não faz o mínimo sentido).

Na terceira estrofe do poema “As coisa tangíveis/tornam-se insensíveis/à palma da mão”. Assim, a presença de algo tocável, tangível não é mais sentido pela palma da mão do poeta. A “palma da mão” me chama atenção, porque além de tocar o objeto, ela o retém, ela se apodera.

A imagem da mão também me lembra de outro poema do livro **Claro Enigma** “Campo de

Flores” em que o poeta diz “Seu grão de angústia amor já me oferece/ na mão esquerda/ Enquanto a outra acaricia / os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura...” (ANDRADE, 2002, p. 268-269). O vocábulo ‘esquerda’ denota a *gaucherie* presente na poesia drummondiana. O *gauche* é um termo francês que significa torto, marginalizado, diferente. Aceitando o desafio que lhe é imposto, o poeta expõe desde o seu nascimento- **Alguma Poesia** (1930) - a dor de ser e viver canhestramente. Em seu “Poema de sete faces” (ANDRADE, 2002, p. 5) ele diz:

Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai, Carlos ser gauche na vida

Além disso, a palavra ‘insensível’ nos chama atenção, pois ela retrata aquilo que não se sente e também aquilo que não pode ser sentido. Portanto, as coisas que antes eram tocadas com as mãos já não sentem e não são sentidas. Ausência x Presença é um recurso encontrado na poética drummondiana como nos versos “A um varão, que acaba de nascer” (ANDRADE, 2002, p. 270-272).

A última estrofe “Mas as coisas findas/ muito mais que lindas /estas ficarão”. É uma belíssima estrofe que exemplifica claramente a ‘perda e a ausência’. Enfim, o poeta fala da perda daquilo que foi amado, mas se consola ao dizer que há algo mais importante do que as coisas lindas: são ‘as coisas findas’. Trata-se de um paradoxo: as coisas findas acabam, portanto, não ficam. Em Drummond as coisas findas ficarão porque, provavelmente, se cristalizaram, despregaram-se da realidade.

Segundo Lopes (2003), no poema, a memória é profética, inventa o futuro, é nesse sentido que consiste o ‘excesso da memória’. No período do Romantismo, a memória tinha a função de conectar o passado e futuro no presente. O poeta é visto como “grande educador da humanidade”, portador de linguagem.

O poema é uma forma de “memória que não se extingue” (LOPES, 2003, p. 57), pois apresenta um potencial infinito de memória-emoção, que vai além da matéria de recordação que o autor lhe concedeu, por isso a leitura é uma dimensão constitutiva do poema atualizado a cada leitura.

Por fim, o poema é memória excessiva enquanto insuficiência, uma falha de linguagem, por isso o poeta não tem um passado a preservar pela memória, mas sempre um passado a reinventar, fazendo com que o poeta “renasça a cada momento no poema”. (LOPES, 2003, p. 59).

Drummond é o nosso poeta moderno por excelência, "um poeta que define o nosso tempo e a nossa época", "pois a sua poesia é aquela que todo homem de sua geração gostaria de realizar se

fora poeta" (LINS, 1963, p. 6). Drummond renasce a cada poema lido. Leiamos-nos, então.

3 – Considerações Finais

Carlos Drummond de Andrade foi um dos escritores mais emblemáticos do Modernismo. Expressou-se pelo conto, pela crônica, mas destacou-se pelo verso. Em vários momentos de sua obra, o poeta debruçou-se sobre o binômio tempo/memória para buscar em sua experiência pessoal, os motes para o seu fazer literário.

Em sua obra **Boitempo** (1968) nos deparamos com uma das páginas mais expressivas da Literatura Brasileira: as recordações do menino e do adolescente em sua terra natal, Minas Gerais. O binômio tempo-espço são pintados pelo olhar de um poeta maduro que vivenciou fatos históricos importantes de nossa História e produziu durante os principais momentos do período modernista.

A memória, em Drummond, constitui-se em um longo processo de imersão no passado. Lá o poeta se encontra com sua infância, com suas leituras, com seu pai, com lugares pelos quais passou. Todavia, sua poética está pautada no tempo e nos homens presentes.

O tempo, assim como a memória, serve de matéria poética. Porém, não é fácil explicar o tempo. Santo Agostinho, ao falar dele, elenca algumas dificuldades: não se pode apreendê-lo, pois ele nos escapa. Muito menos conseguimos medi-lo ou percebê-lo, a não ser no momento em que ocorre.

Drummond concebia a poesia como algo sério: mescla gêneros literários, aproxima poesia da prosa, altera as formas clássicas, faz uso da linguagem coloquial e da linguagem erudita. Sobretudo, usa a memória e o tempo para se confessar. Essa confissão é transformada em poesia pura.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002.
- _____. **Prosa seleta**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2012.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977.
- EL FAHL, Alana de Oliveira Freitas. Molduras da memória, palimpsestos do tempo: uma leitura da poesia memorialística de Carlos Drummond de Andrade. Espéculo. **Revista de estudos literários**. Universidad Complutense de Madrid.
- LINS, Álvaro. "A poesia moderna e um poeta representativo". *In: Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. p. 6-38.
- LOPES, Silvina Rodrigues. "Poesia, memória excessiva" *In: _____*. **Literatura, defesa do atrito**. Edições Vendaval: Portugal: 2003.
- LUCAS, Fábio. "Drummond, Dentro e Fora do tempo". *In: Fortuna crítica*. Dir. Afrânio Coutinho. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1978.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Verso e universo em Drummond**. Rio de Janeiro: José Olympio,

1975.

QUIROGA, R. Q. **Borges y La memória**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana S.A., 2011.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Carlos Drummond de Andrade**: análise da obra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Drummond** – o gauche no tempo. Record: Rio de Janeiro, 1992.